

5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distanciamento percebido com relação às oportunidades das grandes metrópoles incomoda o morador da vila ferroviária de Paranapiacaba. Paradoxalmente ao seu passado, carece de facilidade de acesso, no sentido de transporte, e de acesso a serviços diversos. Aborrece os entrevistados o fato de já terem vivenciado um momento histórico de abundância do que hoje falta.

Paranapiacaba ainda não resolveu vários dos seus problemas da dimensão cotidiana. Chega a parecer contraditório o almejar conquistas globais, como a candidatura a patrimônio da humanidade, quando falta a consolidação de seu projeto local.

Verifica-se que a maioria das pesquisas desenvolvidas sobre a vila são direcionadas às especificidades arquitetônicas e urbanísticas do local. Poucas abordam e relacionam as origens de sua existência, a ferrovia, e o elemento humano, que constituem amplas possibilidades. Alguns estudos a que se teve acesso foram os realizadas por: Castilho (1998), com abordagem sobre patrimônio histórico; Plens (2002), desenvolvendo estudos arqueológicos; Minami (1983), com propostas de codificação visual; Cruz (2007), sobre as transformações na arquitetura e urbanismo da vila ferroviária; Uvinha (2003), do desenvolvimento do segmento de turismo de aventura e Passarelli (2005), identificando elementos urbanos remanescentes no município de Santo André relacionados à paisagem ferroviária, abordando a vila tangencialmente.

Pensa-se na formação sócio-espacial da atividade turística, por uma abordagem crítica (SANTOS, 2003). Dessa forma, remete-se à hipótese inicial deste trabalho: a comunidade local de Paranapiacaba não está plenamente inserida no processo turístico e sua participação é marginal. Verifica-se que a comunidade participa da atividade turística desenvolvida em Paranapiacaba, mas, em sua maioria, essa participação se dá no nível operacional, não no patamar das decisões acerca dos rumos do setor.

Como síntese das entrevistas, pode-se levantar algumas questões. Em nenhum dos relatos mencionou-se o termo paisagem cultural. A palavra paisagem foi citada por apenas um morador (“É a paisagem que tem aqui em baixo, pena que você não conheça, é só mata”). Também não houve registro dos termos patrimônio da humanidade ou patrimônio mundial. Não são conceitos do cotidiano. Ainda transitam na esfera dos especialistas. O contrário do verificado com a expressão turismo sustentável, já agregada ao vocabulário de alguns. Inclusive, foi utilizada por um entrevistado sem qualquer vínculo com a atividade.

Uma localidade, ao se tornar Patrimônio da Humanidade, vislumbra novas oportunidades. Acredita-se que a inscrição na lista dos patrimônios pode aumentar as possibilidades de obtenção de recursos e apoio de especialistas para colaborar com o restauro dos bens, sua manutenção e melhor aproveitamento. Entretanto, é necessário focar as questões do dia-a-dia, de quem vivencia o local como morador.

Pensa-se, para a localidade, em uma forma de turismo que seja sustentável. O envolvimento efetivo da comunidade pode se caracterizar como um ponto forte para sua consolidação. A participação comunitária remete à questão da geração e distribuição de recursos na localidade, mas não somente. Diz respeito, sobremaneira, ao compartilhamento de conhecimento e à representatividade nas decisões de âmbito

coletivo da vila. Espera-se a efetiva participação dos moradores na definição dos destinos de todas as atividades de Paranapiacaba, inclusive do turismo.

Sabe-se, no entanto, da dificuldade de conseguir estabelecer processos de planejamento participativos, inclusive pela falta de tradição de participação (democrática). Implica uma postura assertiva, que, na cultura local, não é comum. Paranapiacaba é, sim, um caso emblemático dessa situação, uma vez que os moradores, ao menos os mais antigos, acostumaram-se a se adaptar às decisões e ações encaminhadas pela administração da ferrovia. Esse comportamento, talvez em menor escala, mas ainda presente, transferiu-se à nova configuração da gestão pública – em que a Prefeitura é quem toma as decisões.

Desenvolver um modelo participativo de desenvolvimento turístico é algo complexo. O turismo envolve a elaboração de novos arranjos socioeconômicos. No setor, muitas vezes, são necessárias pessoas com formação específica para trabalhar, principalmente em atividades que envolvem empreendedorismo e planejamento. A inexperiência empresarial, a dificuldade de obtenção de financiamento e interesses conflitantes são alguns dos empecilhos.

Um dos principais indicadores de sustentabilidade em uma localidade turística, defende-se, é a participação dos moradores locais nos empreendimentos. Em Paranapiacaba, muitos são os responsáveis por seus negócios, mas são, em sua maioria, muito limitados pela falta de recursos.

Bastante interessante, no entanto, é verificar que a escolaridade não é *per si* um limitante de participação, haja vista a presença de alguns moradores que se mostram bastante esclarecidos e articulados em esferas, por exemplo, ligadas ao Ministério Público.

Remete-se aqui, a Jamal e Getz (1999), que reforçam que a capacidade de tomar parte não pode apenas ser assegurada pelo direito a tal, os meios para se envolver são também necessários.

Entretanto, os caminhos para obter os recursos e habilidades necessários são comumente sujeitos aos governantes ou outros agentes, que, muitas vezes, não consideram os moradores locais como parceiros, mas como pessoas que devem estar submetidas a eles. Frequentemente, os moradores locais não sabem sequer por onde começar no que se refere à participação (JOPE, 1996).

Apesar das dificuldades de implantar um modelo de participação local, os benefícios podem ser significativos. Há necessidade de uma relação harmônica com os moradores da localidade, até porque, um clima hostil por parte da população pode ser determinante para o declínio da atividade. O envolvimento da comunidade, sobretudo, influencia uma maior preocupação com a proteção do ambiente natural e aspectos culturais peculiares.

No local, deve-se propiciar o convívio dos usos turísticos, mas também do lazer dos moradores.

Ações envolvendo a paisagem cultural têm ganhado força com a iniciativa da UNESCO em fortalecer o conceito e da busca por consolidá-lo através do reconhecimento de patrimônios que sejam representativos tanto por seus aspectos naturais quanto culturais. Reflexo de um esforço para acabar com a dicotomia cultural x natural.

A Argentina, que caminha a passos largos rumo à consolidação de suas políticas patrimoniais, tem sido um forte motivador para iniciativas nacionais. Teve papel de estímulo, inclusive, na candidatura da vila a patrimônio da humanidade na categoria de paisagem cultural. No caso específico, o exemplo veio com a candidatura de Buenos Aires e o rico material que foi tornado público, em DVD e folheteria, com todas as

informações que foram encaminhadas à UNESCO. Houve ampla divulgação no círculo dos especialistas e acadêmicos, em congressos, como o do CICOP (Centro Internacional para a Conservação do Patrimônio), realizado em Buenos Aires e Salta, em 2006, entre outras oportunidades.

O fortalecimento das discussões a respeito da paisagem cultural tem acontecido, no Brasil, especialmente, a partir deste século. No ano de 2007, ocorreu o Seminário Semana do Patrimônio – Cultura e Memória na Fronteira, organizado pelo IPHAN. Nesse evento, foi elaborada a “Carta de Bagé”, ou “Carta da Paisagem Cultural” (Anexo C). Esse documento apresenta a definição do conceito de paisagem cultural e algumas orientações sobre os procedimentos para sua preservação e a “certificação concedida pelos órgãos de patrimônio cultural [...] sob a forma de um termo de compromisso e de cooperação para gestão compartilhada de sítios de significado cultural” (IPHAN, 2007, p.2).

Também no mesmo ano, ocorreu o Seminário Serra da Bodoquena / MS – Paisagem Cultural e Geoparque, que resultou no encaminhamento da proposta de candidatura da Serra de Bodoquena a Paisagem Cultural brasileira, pelo IPHAN, e Geoparque, pela UNESCO. Gerou o documento “Carta da Serra da Bodoquena / Carta das Paisagens Culturais e Geoparques”, a fim de definir mecanismos para o reconhecimento, defesa, preservação e valorização da Serra da Bodoquena e de outras paisagens existentes em território nacional.

As paisagens culturais podem reforçar, nas pessoas, o senso de identidade e de pertencer a um determinado território. No caso de Paranapiacaba, é formada por um conjunto de patrimônios muito representativos.

A natureza do local confere grande qualidade cênica. Questão atribuída à biodiversidade da Mata Atlântica e mananciais. A localização geográfica, uma ‘garganta’

historicamente utilizada para a penetração do homem no planalto, acentua a topografia da Serra do Mar, com relevo acidentado. Possibilitam uma riqueza de opções em estudos do meio e atividades de interpretação ambiental, nas diversas formas de turismo na natureza.

Pelo patrimônio histórico-cultural e humano, apresenta diversas faces: as edificações, com materiais e traços peculiares ao processo de construção introduzido pelos ingleses, portugueses, italianos, espanhóis, e também brasileiros, entre outras nacionalidades. Além disso, a tecnologia ferroviária que caracteriza o patrimônio industrial. As festas, eventos religiosos, gastronomia, entre outras manifestações culturais.

Acredita-se que Paranapiacaba pode se tornar um caso de sucesso na sustentabilidade sócio-ambiental do turismo. Ferramentas para tal têm sido criadas. São visíveis os esforços da comunidade local, administração pública e pesquisadores para o desenvolvimento de estratégias e políticas públicas no sentido de restaurar e manter edificações, qualificar os serviços oferecidos aos turistas, dinamizar a economia local, aumentar a participação comunitária nos processos de decisão, criar estratégias para a preservação do patrimônio natural.

Assim, acredita-se que inúmeras perspectivas se abrem e colocam-se, como recomendações:

- Valorização das paisagens urbanas, industriais, naturais;
- Conservação de evidências do passado para o futuro;
- Formação de profissionais preparados para lidar com questões complexas e multidisciplinares;
- Trabalhar as interfaces entre as ciências sociais, naturais e exatas, espaço bastante profícuo para o fortalecimento da ciência ambiental;

- Fortalecer a cooperação entre instituições que cuidam do patrimônio natural e histórico-cultural;
- Desenvolver estratégias e tecnologias para a preservação das paisagens;
- Reconhecer valores das comunidades locais e valorização de aspectos espirituais e afetivos relacionados às paisagens;
- Utilizar a abordagem da paisagem cultural na valorização de técnicas tradicionais;
- Compartilhar a visão local sobre a salvaguarda de práticas e remanescentes materiais em um contexto global.

Essas são apenas algumas das possibilidades que surgem no contexto das pesquisas e ações que têm como intuito colaborar para uma maior sustentabilidade sócio-ambiental e participação comunitária, no contexto do aproveitamento das paisagens culturais.